

XXXI

MAU APRENDIZ

Bonifácio Pessanha nunca se furtou ao vício das perguntas ociosas. Onde estivesse, mobilizava interrogações despropositadas e inoportunas. Não sabia dar um passo sem escorar-se nos outros e semelhante característico desfigurara-lhe a personalidade.

Quando atravessou os portais do Espiritismo Cristão, sentiu-se muito a gosto. Em seu parecer, de então em diante poderia indagar quanto quisesse. Vários médiuns, nos mais diversos grupos, estariam à disposição dele, tanto quanto as entidades invisíveis que, segundo acreditava, deveriam vaguear, em disponibilidade franca, sem métodos regulares de vida e sem programa de obrigações construtivas.

Os companheiros do núcleo que passou a frequentar notaram-lhe, de imediato, a extravagância; todavia, calavam-se, caridosos e tolerantes.

Bonifácio era novo na Doutrina. Com o tempo recolheria experiências, retificaria atitudes incertas. Contudo, tantas interrogações dirigia ele ao plano invisível, através de grandes laudas de papel, que Juliano, o orientador devotado da esfera espiritual, lhe escreveu, certa feita, de modo direto:

— “Pessanha, meu irmão, não olvides que o mundo é também uma escola ativa. E' preciso cautela para não perdermos as lições. Cada dia é uma página que preencherás com as próprias mãos, no aprendizado imprescindível. Os ensinamentos da véspera, em boa lógica, devem ser assimilados. O aluno que não se vale da experiência vivida, não

pode aguardar o êxito desejado. Penetraste, em renascendo, a grande universidade terrestre e vivas, por alguns anos, no internato do corpo físico. E onde está, meu amigo, o instituto de ensino, em que a cátedra deve descer satisfazendo aos caprichos da carteira? Que a existência carnal é um curso educativo, de proporções vastas, cheio de probabilidades milagrosas para o discípulo de boa vontade, prova-o a morte, que nos convida a todos para exame e seleção. Crês, porventura, que o aprendiz obterá o atestado de mérito, exclusivamente pelo hábito de perguntar? Desengana-te, meu amigo! Vai ao serviço diário, rogando a luz divina para o entendimento. Mãos e pés não usados paralisam-se no caminho. Olhos e ouvidos que não iluminam nem esclarecem a inteligência, apagam-se, mais tarde, à maneira de candeia inútil, ou adormecem, na incapacidade, quais ruínas de uma casa em abandono. Não temas sofrimentos ou decepções. Aprende e age sempre. A dor e o obstáculo guardam para nós a função de legítimos instrutores. E' um erro interpretar dificuldades à conta de punições ou pesadelos, quando nelas devemos encontrar recursos de aprimoramento e provas abençoadas. A lei é de evolução comum e de perfeição final para todos, ainda mesmo considerando a necessidade de expiação para o crime e corrigenda para o mal. Como habilitar-se o aluno sem o livro de lições? que seria do espírito encarnado sem a oportunidade de experimentar, atuar, lapidar-se e conhecer? E' razoável que o estudante indague das finalidades do educandário a que pertence, dos regulamentos, do horário e das condições que lhe dizem respeito, mas, subtrair-se ao processo de burilamento e preparação através de indagações sistemáticas, é perigoso para si mesmo, porque o curso tem um fim, de renovar-se em outros setores da vida, e as demonstrações de aproveitamento serão exigidas a cada aluno em particular. Desse modo, não desprezes caminhar, desassombradamente, confiando em Jesus e em ti mesmo!”

Bonifácio, no entanto, parecia plenamente desentendido.

Invadia o círculo dos irmãos de ideal, com larga ofensiva de indagações, já que os benfeitores desencarnados não se mostravam dispostos à quebra intempestiva da lei.

Inquiria sempre, a propósito de tudo e de todos, figurando-se verdadeiro maníaco, não obstante afirmar-se homem de fé.

Em todas as reuniões trazia longa relação de assuntos para verrumar a paciência dos companheiros.

— Senhor Macedo — dirigia-se ao diretor dos trabalhos doutrinários —, qual o seu modo de ver, relativamente à minha profissão? Não considera que estou prejudicado? poderia estudar mais, aplicar-me à Boa-Nova, com outro ânimo, se minhas atividades fôssem diferentes. Como entende o meu caso?

O interpelado, esboçando embora um gesto de estranheza, respondia, calmo:

— De mim mesmo, Pessanha, estou convencido de que a criatura pode atender ao Senhor, em qualquer parte. A boa vontade, quando aliada à paciência, faz verdadeiros milagres no aproveitamento dos minutos.

Antes, todavia, de ponderar o valioso conteúdo da observação, transferia Bonifácio o assunto a um terceiro:

— Mas você, Tinoco — dirigia-se, inquieto, a outro companheiro —, não considera o meu tempo muito escasso? Torna-se muito difícil atender à Doutrina em minhas condições. Meus chefes de serviço são extremamente rigorosos. Imagine que não disponho de ocasião para compulsar um livro. Que conclui você de meus obstáculos?

Tinoco sorria e observava:

— Pessanha, nada posso acrescentar ao parecer do nosso amigo. Não devemos forçar as situações, entendendo a necessidade da experiência pessoal. Estamos neste mundo para aprender algo de

útil e nada conheceremos realmente, sem agir por nós mesmos.

Pretendia Bonifácio estender as indagações; no entanto, os trabalhos espirituais foram declarados abertos e era necessário manter atenção e silêncio.

Terminada a reunião, prosseguia ele, firme, interrogando sempre, quanto a todos os problemas corriqueiros do dia e, se alguém lhe recordava os conselhos do orientador espiritual, costumava responder que precisava perguntar por prudência, desse modo acobertando a preguiça mental com expressões de virtude.

Na sessão seguinte, voltava desatento, dirigindo-se ao diretor da casa:

— Senhor Macedo, que me diz do tratamento de minha filha Zina? Acho-me em dúvida se prosigo com a homeopatia ou se me decido pela alopatia. Que pensa o senhor de minha situação?

— Ora, Pessanha — esclarecia o confrade, pacientemente —, isto é questão de foro íntimo, de preferência individual. No capítulo da assistência à saúde, cada um tem o seu campo de confiança.

Bonifácio, irrequieto, voltava-se para Dona Epoina, médium do grupo, inquirindo:

— E a senhora? que me diz? Não concorda em que eu deva mudar a medicação?

A interpelada, num gesto fraternal, atendia, solícita:

— Meu amigo, creio que nos constitui uma obrigação perseverar até ao fim, no que respeita a qualquer serviço médico. Entretanto, sou constrangida a reconhecer que todos nós solucionamos os nossos problemas, de modo particular.

Bonifácio, contudo, parecendo impermeável, em razão do vício de apoiar-se nos outros, não assimilava as lições de toda hora, ao contacto de companheiros encarnados e desencarnados. E não curou a mente enfermeja, até que a morte se lhe abeirou do leito de aflitiva expectativa.

No círculo das últimas provas, agravou-se-lhe a mania. Enredava os companheiros que compare-

cessem à visitação afetuosa, em extensos inquéritos, cheios de enigmas insolúveis. Quase todos os amigos lhe recomendavam o uso da oração ou lhe pediam procurasse o socorro de Julianio, o abnegado mentor espiritual.

A mente do enfermo vagava, apressada, num torvelinho de indagações, mas a morte trabalhava, serena, arrebatando-o, devagarinho, da esfera material.

Em certo instante, compreendeu Pessanha que não mais se achava no aposento corpóreo. Todavia, não conseguiu discernir a paisagem circundante.

Tinha agora os olhos enevoados, os pés inertes, as mãos imóveis.

Perdera, sobretudo, a noção de equilíbrio.

Acabrunhado, começou a orar, com uma espontaneidade e firmeza que antes não conhecera. Rogava a Julianio lhe esclarecesse o coração, lhe curasse as dores e lhe restituisse os movimentos. Quando terminou a prece fervorosa, a voz do prestimoso amigo se fez ouvir, nas sombras que o rodeavam, murmurando com lamentosa entonação:

— Ah! Pessanha, Pessanha! agora é muito difícil mobilizar-te os pés, as mãos e a cabeça que teimaste em não usar. Fugiste à ginástica da luta humana que adentra a alma para as esferas mais altas. Não peças, por enquanto, as emoções da espiritualidade superior: roga o regresso ao livro do mundo, retornando às lições benditas da experiência necessária. Quanto ao mais, conserva a paciência e a coragem, nas aflições de hoje, porque, em verdade, o homem que não percorre os roteiros justos, no aprendizado da vida, esbarra, fatalmente, nos labirintos da morte.

XXXII

A LIÇÃO DE ARITOGOGO

Examinávamos a paisagem das ambições humanas, quando um amigo considerou:

— Que o homem atenda aos conselhos da prudência, armazenando em bom tempo, como a formiga, para os dias de necessidade e inverno forte, é compreensível e razoável. A vigilância não exclui a previdência, quando é possível amealhar com o bem; mas, explorar o quadro das misérias alheias, embebedar-se na preocupação de ganhar, escravizar-se ao dinheiro, é criar um inferno de padecimentos intraduzíveis.

— Quantos precipícios cavados pelo egoísmo conquistador?! — disse outro — é lastimável observar as angústias semeadas nos caminhos humanos. As guerras não constituem senão o desdobramento das ambições desmedidas. E dizer-se que toda essa marcha de loucuras demanda as zonas da morte! quão incompreensível a nossa cegueira, nos círculos carnavais! quantos pesadelos desnecessários e quanta ilusão para se desfazer na sepultura!...

Um dos companheiros presentes sorriu e acrescentou:

— Nesse capítulo, recebi inolvidável lição, há mais de trezentos anos, por intermédio de um chefe indígena em nosso país.

— Como assim? — perguntei, sumamente interessado.

— Em princípios do século XVII — esclareceu o interlocutor —, participava dos serviços de uma embarcação francesa, em transporte de pau-brasil. Periódicamente, dávamos à costa, onde fizéramos